

***COMO LER A OBRA “A METAMORFOSE” DE FRANZ KAFKA A
PARTIR DE UMA PERSPECTIVA JUNGUIANA***

***“The Metamorphosis” by Franz Kafka, parting from a Psychological and
Analytic Perspective by Carl Gustav Jung***

Ana Paula Alves Vieira

RESUMO

O presente ensaio propõe uma releitura da obra “A Metamorfose” de Franz Kafka, a partir de uma perspectiva psicológica analítica de Carl Gustav Jung. O personagem principal do livro se transforma em um inseto repugnante, o que causa um desajuste familiar. Os arquétipos de Sombra e Persona da psicologia junguiana são referenciais para a compreensão da referida metamorfose. O personagem Gregor Samsa pode nos ensinar muito acerca da nossa inabilidade em lidar com a nossa condição humana.

Palavras-chave: Sombra. Persona. Kafka. Jung. Psicologia.

ABSTRACT

The present essay proposes a rereading of the literary work “The Metamorphosis” by Franz Kafka, parting from a psychological and analytic perspective by Carl Gustav Jung. The main character of the book has been transformed into a repulsive insect, which causes a familiar misfit. The archetypes of Shadow and Persona from Jung's psychology are referential in order to comprehend the metamorphosis cited. The character Gregor Samsa can teach us a lot when it comes to our inability in dealing with our human condition.

Keywords: Shadow. Persona. Kafka. Jung. Psychology.

INTRODUÇÃO

Ao fazer uma leitura da obra “A Metamorfose” de Franz Kafka, passível de tantas discussões, fui conduzida a conceitos junguianos e surgiu-me uma dúvida: é possível reler sua obra a partir de uma perspectiva psicológica? Senti-me instigada, então, a buscar os conceitos junguianos de Sombra e

Persona para proceder a interpretação referida. Sendo o termo “kafkiano” muitas vezes sinônimo de incompreensível, não tenho a pretensão de explicar essa rica obra, mas sim, refletir a respeito dessa possível releitura.

O livro inicia com a metamorfose já no primeiro parágrafo:

Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metade morfoseado num inseto monstruoso. Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, ao levantar um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido por nervuras arqueadas [...] Suas numerosas pernas, lastimavelmente finas em comparação com o resto do corpo, tremulavam desamparadas diante dos seus olhos (KAFKA, 1997, p.7).

Gregor morava com os pais e com sua irmã mais nova, de dezesseis anos. Apenas a irmã conseguia entrar no seu quarto, para arrumá-lo e deixar comida, comportamentos que mais tarde foram diminuindo, cada vez mais. Ela, no entanto, não olhava para o *animal*; ele até mesmo se escondia para não assustar a irmã. A mãe tinha vontade de ver o filho, mas seu marido e sua filha a desencorajavam. O pai não manifestava interesse algum. Como os insetos são animais que geralmente repudiamos e de que temos nojo, acredito que o fato da metamorfose ter acontecido em forma de inseto, pode ser compreendido como o afloramento do lado sombrio, obscuro, ou seja, o lado que queremos esconder. Poderia dizer que Gregor teria sido metamorfoseado em sua Sombra, fato que assusta tanto a ele mesmo, quanto aos outros.

A Sombra, de acordo com Jung, é um arquétipo. Arquétipos “são fatores irrepresentáveis e invisíveis que agem sobre o inconsciente do ser humano [...] não são representações, figuras herdadas ou símbolos, mas suas possibilidades de manifestação e concretização” (HARK, 2000, p.21).

[...] dizer que uma coisa é um arquétipo equivale a afirmar que ela é um bloco de construção essencial da personalidade. Usando a palavra na sua forma adjetiva, dizer que algo é “arquetípico” significa que ele é “típico” de todos os seres humanos. Assim, é típico de todos os seres humanos que, ao desenvolverem uma personalidade consciente, desenvolvam também a companheira escura dessa personalidade, a Sombra (SANFORD, 1994, p. 80).

Sombra é, segundo Silveira (1981 apud BONFATI, 2000, p.4), “o nosso lado escuro onde moram todas as coisas que nos desagradam em nós mesmos, ou que nos assustam”. Ela é frequentemente representada nos mitos, nos contos de fadas e na literatura em geral. Em sonhos, a Sombra frequentemente aparece como figura escura, primitiva, hostil ou repelente, como bruxas, demônios ou qualquer outra figura de categoria mais baixa. Por isso os bichos de estimação das bruxas, vistas como o lado do mal dos contos de fada, são também animais que causam repulsão como ratos, cobras, aranhas, entre outros. Como são, geralmente, os animais de cor escura, gosmentos, que vivem em lixos, os que nos causam nojo, nós os associamos, assim como os insetos, o lado obscuro.

O que acontece na “vida real” é que não temos essa dicotomia de mal ou bem tão nítida como nos contos de fada, somos os dois juntos. Somos seres duais, ou seja, luz e sombra ao mesmo tempo. Vejo, portanto, nessa metamorfose, uma metáfora sobre o que acontece quando não percebemos que somos seres duais, quando rejeitamos a Sombra, quando só escondemos e disfarçamos nosso lado sombrio. Esse fato exemplifica muito bem o que Jung ([19--] apud ABRAMS e ZWEIG, 1994, p. 2) quis dizer com a frase: “Aquilo que não fazemos aflorar à consciência aparece em nossas vidas como destino”.

Gregor escondia sua Sombra, deixava parecer que estava sempre contente e feliz com seu trabalho de caixeiro-viajante. Quando ele acordou e não pôde levantar da cama, devido as suas condições, toda a família se mobilizou, estranhando o atraso do protagonista para ir ao trabalho. O gerente da firma também foi averiguar o que tinha acontecido e, na fala da mãe, é possível perceber o quanto Gregor escondia seus sentimentos a respeito do seu trabalho e de sua vida:

Ele não está bem, acredite em mim, senhor gerente. Senão como Gregor perderia o trem? Esse moço não tem outra coisa na cabeça a não ser a firma. Eu quase me irrita por ele nunca sair à noite; agora esteve oito dias na cidade, mas passou todas as noites em casa. Fica sentado à mesa conosco e lê em silêncio o jornal ou estuda horários de viagem (KAFKA, 1997, p.17).

O personagem nunca demonstrou para a família seu interesse em sair da firma. Ele começou a trabalhar e a sustentar toda a família porque seus pais estavam endividados. O que Gregor fez foi trabalhar e arrumar dinheiro para que seus pais e sua irmã esquecessem logo tudo o que aconteceu, toda a desesperança. Passou bem rápido de caixeiro a caixeiro-viajante, ganhando mais e colocando mais dinheiro na mesa de casa, o que fez com que ele, de fato, assumisse as despesas. Ele não demonstrava, então, qualquer descontentamento com seu trabalho, pois isso implicaria em uma instabilidade financeira e de arranjo da casa, pois “tanto a família como Gregor se acostumaram a isso: aceitava-se com gratidão o dinheiro, ele o entregava com prazer, mas disso não resultou mais nenhum calor especial” (KAFKA, 1997, p. 42).

Gregor era visto apenas como o provedor da casa, e não como uma pessoa que poderia estar insatisfeita. Ele também se via assim e por isso sempre escondia, até mesmo dele, o que tinha para reclamar, o que de fato sentia em relação ao trabalho, a ele mesmo e à família. Apenas ao acordar e se ver sem condições de ir trabalhar, é que podemos ver o que ele realmente pensa a respeito de seu trabalho:

- Ah, meu Deus! – pensou – Que profissão cansativa escolhi. Entra dia, sai dia – viajando. A excitação comercial é muito maior que na própria sede da firma e, além disso, me é imposta essa canseira de viajar, a preocupação com a troca de trens, as refeições irregulares e ruins, um convívio humano que muda sempre, jamais perdura, nunca se torna caloroso. O diabo carregue tudo isso! (KAFKA, 1997, p.8).

O fato de, apenas quando se vê metamorfoseado, falar o que realmente pensa e sente, mostra que o caixeiro-viajante, enquanto único provedor da casa, escondia esse seu lado. Ele reprimia os seus verdadeiros pensamentos e sentimentos. Isso, de acordo com Queiroz et al. (2005), faz com que a Sombra se torne o espelho do ego, com todas as características reprimidas e inaceitas acumuladas. Nesse sentido, Sombra é tudo aquilo que não corresponde ao nosso ego ideal.

As pessoas muitas vezes mascaram a Sombra. A essa máscara, Jung chamou de Persona. Segundo Bonfatti (2000), para Jung, Persona é um complexo funcional, que é usada para adaptação ao meio ou por comodidade, nada tem a ver com a individualidade. Esse conceito foi baseado nas máscaras utilizadas no teatro para caracterizar o papel que os atores representavam. De acordo com Sanford (1994), o processo de desenvolvimento do ego e da Persona é uma resposta ao ambiente e é influenciada pela relação com a nossa família, com amigos, na escola, entre outros. É influenciada pela aprovação, desaprovação, aceitação e vergonha.

Gregor Samsa deixou de ter vida própria para cuidar financeiramente das despesas de seus pais e irmã. Ele criou uma Persona, ou seja, uma máscara que usa em tempo integral. Ele tem o papel de bom filho e de bom trabalhador, que nunca atrasa ou falta, aparenta não possuir angústias e não se questiona sobre seus sentimentos, também não fala sobre eles. Ele parece ser só luz, mas Jung fala que somos seres duais - luz e sombra- e que quando há uma identificação com um único pólo - parecer ser apenas luz - resulta em doença psíquica.

As emoções de Gregor e seus comportamentos negativos ficam escondidos sob uma Persona. Ele quer sempre agradar sua família e para isso se mostra sempre bem. No caso do personagem a Persona se confunde com seu verdadeiro eu, ou seja, ele não só representa ser uma pessoa perfeita como se acha essa pessoa. De acordo com Jung (1991 apud BONFATTI, 2000), quanto mais a Persona se colar à pele do indivíduo, mais dolorosa é a operação psicológica para tirá-la.

Essa retirada da Persona é, de acordo com Bonfatti (2000), fundamental para o processo de maturação psicológica, bem como o encontro com a Sombra. Se esse processo for negado, haverá grandes prejuízos para a personalidade do indivíduo. Gregor nega esse processo, mas a Sombra aparece de alguma forma: ela aparece na transformação em inseto.

Quando a metamorfose acontece, ele mostra uma extrema preocupação com o atraso que estava tendo, decorrente dessa metamorfose para ir ao trabalho, o

que se pode constatar no seguinte trecho: “E se anunciasse que estava doente? Mas isso seria extremamente penoso e suspeito, pois durante os cinco anos de serviço, Gregor ainda não tinha ficado doente uma única vez” (KAFKA, 1997, p.10).

Mesmo depois de metamorfoseado, Gregor continua pensando como um humano. No início tem pensamentos práticos relacionados com a sua metamorfose, e sua maior preocupação, como já se disse, é com o atraso no trabalho. Depois, suas preocupações são mais profundas e sentimentais, ou seja, ele se sente magoado pela repulsa de seus pais e mais tarde, da irmã. Quando o pai o acerta com uma maçã, como se ele fosse um animal qualquer, mostra claramente sua repulsa em relação à Gregor. Entretanto, depois desse grave ferimento: “a maçã ficou alojada na carne como uma recordação visível, já que ninguém ousou removê-la” (KAFKA, 1997, p. 59), o pai começou a repensá-lo como membro da família e assim alguns cuidados foram tomados, como, por exemplo, deixar a porta um pouco aberta.

Passado algum tempo acontece um incidente, quando sua irmã tocava violino para os pais e os inquilinos - agora a família alugava quartos para ganhar dinheiro. Nesse dia, Gregor chegou um pouco mais perto e foi percebido, o que assustou a todos e, como a irmã não sabem que o irmão entendia tudo o que está acontecendo, ela começou a se questionar se ele era mesmo Gregor e se não era apenas um monstro:

Se fosse Gregor, ele teria há muito tempo compreendido que o convívio de seres humanos com um bicho assim não é possível e teria ido embora voluntariamente [...] esse bicho nos persegue, expulsa os inquilinos, quer certamente ocupar o apartamento todo e nos fazer pernoitar na rua (KAFKA, 1997, p.76).

Gregor sente e, de fato, torna-se inútil por não poder mais sustentar sua família. Sente-se mal porque os pais e a irmã agora têm que trabalhar e porque a família, agora, tem que pôr outras pessoas na casa para receberem aluguel. A configuração da casa agora é outra. Quando viu seu pai, Gregor estranhou:

[...] era aquele ainda seu pai? O mesmo homem que costumava ficar enterrado na cama, exausto, quando Gregor partia para uma viagem de negócios; que nas noites de regresso o recebia de roupão na

cadeira de braços; que era absolutamente incapaz de se levantar [...] Agora, porém ele estava muito ereto, vestido com uniforme azul justo, de botões dourados [...], os olhos escuros emitiam olhares vívidos e atentos; o cabelo branco, outrora desgrehado, estava penteado com risca escrupulosamente exata e luzidia (KAFKA, 1997, p.56).

O trecho mostra que a família funcionava sem o dinheiro de Gregor, desde que todos se mobilizassem. É possível pensar que todos estavam acomodados com o fato de somente o filho sustentar a casa, e como ele não demonstrava qualquer insatisfação, a situação continuava como estava. Gregor, que escondia seus sentimentos para não decepcionar os pais e para não deixar sua família desamparada, talvez tivesse se mostrado mais. Alguma outra solução poderia ser achada e a família poderia se reorganizar de forma que não sobrecarregasse ninguém.

O que mais me intriga no livro é que em nenhum momento o autor comenta o porquê da metamorfose de Gregor Samsa. O protagonista e sua família não se questionam em nenhum momento, o motivo que fez com que acontecesse a metamorfose de homem em inseto. Talvez, se tivessem pensado a respeito disso, e se, principalmente, Gregor pudesse compreender melhor sua situação, ele pudesse revertê-la. Mas, mesmo metamorfoseado, ele se esconde embaixo de lençóis para sua família não o ver naquele estado, da mesma forma que se escondia embaixo da sua Persona. Ele foge do seu encontro com o eu, com a sua Sombra, até mesmo quando ele se transforma nela.

Nesta perspectiva, podemos perceber que na obra em questão, há uma discussão bastante interessante. Nós, humanos, assim como Gregor Samsa, tendemos a esconder nossa Sombra, queremos mostrar que somos apenas luz, que não temos defeitos, que temos sempre que agradar ao outro. Uma frase de Krishnamurti (apud ABRAMS e ZWEIG, 1994, p.2) se encaixa perfeitamente nesse pensamento: “o mal do nosso tempo é termos perdido a consciência do mal”.

Assim como Gregor, muitas vezes não expomos o que sentimos para não magoar o outro. Então, simplesmente para mantermos essa harmonia, nos escondemos sob uma Persona e nos confundimos com ela. Também não

procuramos auto-conhecer-nos, tendemos a fugir de nossos problemas, do encontro conosco, pois isso implicaria numa dolorosa viagem ao nosso interior. Acredito que a maioria das pessoas está muito distanciada desse nível de consciência de que é preciso se deparar com a Sombra, ter consciência da Persona e fazer uma comunicação externa e interna, a respeito do que pensamos e sentimos.

REFERÊNCIAS

ABRAMS, Jeremiah.; ZWEIG, Connie (org). **Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana.** Tradução de Merle Scoss. São Paulo – SP. CULTRIX, 1ª. ed. 1994. Disponível em: [www.veterinariosnativa.com.br/books/8 - Encontro-Da-Sombra.pdf](http://www.veterinariosnativa.com.br/books/8-Encontro-Da-Sombra.pdf). Acesso em 2009.

BONFATTI, P. A questão do mal: uma abordagem psicológica junguiana. **Rhema**, Juiz de Fora – MG. v. 6, n. 22, p. 69 - 98, 2000. Disponível em: www.rubedo.psc.br/artigosb/quesmal.htm. Acesso em 2009.

KAFKA, Franz. **A Metamorfose.** Tradução Modesto Carone. São Paulo – SP. Companhia das letras, 1997.

HARK, Helmut (org). **Léxicos dos Conceitos Junguianos Fundamentais: A partir dos originais de C. G. Jung.** São Paulo- SP. Edições Loyola, 2000.

QUEIROZ, A. C.; KLIPPEL, E. A. C.; et. al., **O Demônio Nas Relações Pais e Filhos.** 2005. Instituto Junguiano da Bahia, 2005. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/23154316/O-Demonio-na-Relacoes-Pais-e-Filhos>. Acesso em 2009.

SANFORD, John A. Os pais e a sombra dos filhos: In ABRAMS, Jeremiah.; ZWEIG, Connie (org). **Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana.** Tradução de Merle Scoss. São Paulo – SP. CULTRIX, 1ª. ed. 1994. Disponível em: [www.veterinariosnativa.com.br/books/8 - Encontro-Da-Sombra.pdf](http://www.veterinariosnativa.com.br/books/8-Encontro-Da-Sombra.pdf). Acesso em 2009.

AUTORA

Ana Paula Alves Vieira, graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia – UFU-MG.
anapaulaaaa@gmail.com